



**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE
CONECTADA POR REDES**

MERI NADIA MARQUES GERLIN
(Organizadora)

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE
CONECTADA POR REDES**

Editora
FCI/UnB 2018



Universidade de Brasília

Reitora

Márcia Abrahão Moura

Vice-reitor

Enrique Huelva Unternbäumen

Decanato de Administração (DAF)

Decana: Maria Lucilia dos Santos

Decanato de Assuntos Comunitários (DAC)

Decano: André Luiz Teixeira Reis

Decanato de Ensino de Graduação (DEG)

Decano: Sérgio Antônio Andrade de Freitas

Decanato de Extensão (DEX)

Decano: Olgamir Amancia Ferreira

Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação (DPG)

Decana: Helena Eri Shimizu

Decanato de Pesquisa e Inovações (DPI)

Decana: Maria Emília Machado Telles Walter

Decanato de Gestão de Pessoas (DGP)

Decano: Carlos Vieira Mota

Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional (DPO)

Decana: Denise Imbroisi

Faculdade de Ciência da Informação (FCI)

Diretora:

Elmira Luzia Melo Soares Simeão

Vice-diretora:

Fernanda de Souza Monteiro



Universidade Federal
do Espírito Santo

Reitor

Reinaldo Centoducatte

Vice-reitora

Ethel Leonor Noia Maciel

Pró-Reitoria de Administração (Proad)

Pró-Reitora: Teresa Cristina Janes Carneiro

Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (Proaeci)

Pró-Reitor: Gelson Silva Junquilha

Pró-Reitoria de Extensão (Proex)

Pró-Reitora: Angélica Espinosa Barbosa Miranda

Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep)

Pró-Reitor: Cleison Faé

Pró-Reitoria de Graduação (Prograd)

Pró-Reitora: Zenólia Christina Campos Figueiredo

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG)

Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Junior

**Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
(Proplan)**

Pró-Reitor: Anilton Salles Garcia

Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE)

Diretor: Rogério Naques Faleiros

Departamento de Biblioteconomia (DBIB)

Chefia: Jose Alimatéia de Aquino Ramos

Vice-chefia: Gleice Pereira

© **Meri Nadia Marques Gerlin (2018)**

Todos os direitos em língua portuguesa, no Brasil, reservados de acordo com a lei. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou informação computadorizada, sem permissão por escrito da autora. Esta é uma publicação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília e do Departamento de Biblioteconomia da UFES, Brasil.

Revisão

Laboratório de Editoração e Normalização (UFES)

Normalização e projeto Gráfico

Denise Bacellar Nunes (UnB)

Capa

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Diagramação

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Conselho Editorial

Denise Bacellar Nunes (UnB)

Elmira Simeão (UnB)

Marta Leandro da Mata (UFES)

Comitê Científico

Adriana Alcará (UEL)

Eduardo Valadares da Silva (UFMG)

Elmira Simeão (UnB)

Iguatemi Santos Rangel (UFES)

Márcia Marques (UnB)

Marta Leandro da Mata (UFES)

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Taiguara Villela Villela (UFES)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G371c Gerlin, Meri Nadia Marques (Org.).

Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes / Meri Nadia Marques Gerlin (Org.). – Brasília: Faculdade de Ciência da Informação / Universidade de Brasília, 2018.

364 p.; Color. Coleção No balanço das redes: tradição e tecnologia (Vol. 2)

ISBN: 978-85-88130-49-4

1. Memória social. 2. Narrativa oral. 3. Competência narrativa. 4. Competência em informação. 5. Contador de histórias. 6. Rede Colaborativa. I. Título.

CDU 02:37

DEDICATÓRIA

Esta obra compõe a coleção “No balanço das redes: tradição e tecnologia” sucedendo a publicação denominada “Tecendo redes e contando histórias: competências em informação e narrativa na contemporaneidade”. Tendo em vista que o primeiro volume é uma adaptação do contexto teórico de uma tese de doutorado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), acrescenta-se que esta coletânea é resultado de um processo de investigação que se desdobrou em uma diversidade de outras pesquisas e, por conseguinte, que estabeleceu parcerias que levaram à constituição deste exemplar: “Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes”.

Em razão do exposto, torna-se importante dedicá-la aos atores sociais que de alguma forma contribuíram com a sua composição e aos colaboradores que organizaram artigos alimentados pelos temas de interesse da rede de colaboração do projeto “No balanço das redes dos contadores de histórias”; registrado como extensão universitária na UnB e projeto de pesquisa na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Por terem aceitado ao desafio de escrever sobre temas relacionados com os seus contextos de investigações teóricas e práticas cotidianas, organizando, com isso, um conjunto de diálogos enredados e tecidos com os fios das mais valiosas experiências. Ao que tudo indica, as suas pesquisas e os seus relatos foram tingidos com os tons de uma atuação que dia após dia fora constituída nos territórios da biblioteca, da universidade, do museu, da escola, do centro de educação infantil, do arquivo público e do ciberespaço.

Dedica-se ao mesmo tempo em que se demonstra uma especial gratidão ao “profissional, pesquisador e leitor” disposto a conhecer esta obra coletiva, esperando que gostem de ler aos artigos tanto quanto os seus autores sentiram prazer em escrevê-los. Organizá-los neste espaço de divulgação tornou-se uma consequência, perante ao desejo de uma boa leitura e um bom aproveitamento dos textos e contextos que lhes são apresentados no campo da competência em informação e da narrativa oral.

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 204).

SUMÁRIO

PREFÁCIO	10
APRESENTAÇÃO	18

PARTE I – COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS COM A MEMÓRIA, ORALIDADE E CONEXÃO EM REDES	24
--	----

LEITURA, NARRATIVA E MEDIAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO	25
--	----

Maira Cristina Grigoletto

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: QUESTÕES TERMINOLÓGICAS E CONCEITUAIS	48
---	----

Marta Leandro da Mata

A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA	79
---	----

Marta Leandro da Mata e Adriana Alcará

NO BALANÇO DAS REDES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS: A IDENTIFICAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS DOS NARRADORES CONTEMPORÂNEOS	106
---	-----

Meri Nadia Marques Gerlin e Elmira Luzia Melo Soares Simeão

TROCAS DE EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: COLABORAÇÃO E ORALIDADE NO AMBIENTE DIGITAL DO YOUTUBE	133
---	-----

Elijance Marques dos Santos e Meri Nadia Marques Gerlin

ORGANIZAÇÃO DE DOCUMENTOS MULTIMÍDIA: PROPOSIÇÕES PARA RECUPERAÇÃO SEMÂNTICA DA INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DIGITAIS	159
---	-----

Daniela Lucas da Silva Lemos e Renato Rocha Souza

TRANSDISCIPLINARIDADE PARA AS REDES: FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIA EM COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMPUTAÇÃO PARA A GESTÃO DA MEMÓRIA	177
--	-----

Márcia Marques, Alzimar Ramalho, Benedito Medeiros Neto, David Renault da Silva, Joyce Del Frari Coutinho, Mônica Regina Peres, Marcelo Souza de Jesus e Tatyane Mendes Ferreira

PARTE II – COMPETÊNCIA NARRATIVA: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS EM ESPAÇOS TEMPOS DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA	204
---	-----

NO BALANÇO DE QUEM SEMPRE OUVIU E CONTOU HISTÓRIAS.	205
--	-----

Silvana Soares Sampaio

NARRATIVAS E CONTOS AFRICANOS: O RESGATE DA TRADIÇÃO ORAL A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS GRIOTS 222

Ana Claudia Borges Campos, Meri Nadia Marques Gerlin, Cláudia Maria de Oliveira e Fábio Vieira Pereira

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM DESAFIO PARA OS BIBLIOTECÁRIOS 238

Elane Couto Uliana

TRADIÇÃO ORAL NA BIBLIOTECA ESCOLAR POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 263

Ingrid Simões Pereira, Márcia Helena da Silva Marques e Maria Giovana Soares

SILÊNCIO! VOCÊ ESTÁ NA BIBLIOTECA: LER, CANTAR E CONTAR HISTÓRIAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR 290

Eduardo Valadares da Silva, Fabiano de Oliveira Moraes e Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim

PROJETO CONTOS QUE ENCANTAM: UMA PRÁTICA DE INCENTIVO À LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS 311

Iguatemi Santos Rangel e Amanda Xavier

A PRESENÇA DE NARRATIVAS ORAIS NO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO 331

Taiguara Villela Aldabalde e Philippe Peterle Modolo

SOBRE OS AUTORES 352



PARTE II

**COMPETÊNCIA NARRATIVA:
PROCESSOS INTER-RELACIONADOS
EM ESPAÇOS TEMPOS DE
INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E
CULTURA**

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM DESAFIO PARA OS BIBLIOTECÁRIOS

Elane Couto Uliana⁴⁸

RESUMO

Este trabalho aborda as narrativas orais como atividade cultural e pedagógica fundamental no processo de ensino-aprendizagem, possível de ser desenvolvida no cotidiano da biblioteca escolar e para a formação do leitor. Destaca-se ainda, a atuação do bibliotecário como mediador das práticas educacionais, de interação e cooperação com a comunidade escolar, visando integrar a biblioteca como espaço de aquisição de conhecimento, situando-se no campo das investigações qualitativas. Através dos resultados foi possível demonstrar que a contação de história é uma ferramenta preciosa na formação do leitor, garantindo-se o enriquecimento educacional para construção de indivíduos críticos reflexivos.

Palavras-chave: Bibliotecário. Contação de Histórias. Biblioteca Escolar.

⁴⁸ Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense-UFF, Niterói, RJ. Bibliotecária da Prefeitura Municipal de Educação de Vitória/ES. Vitória, ES, Brasil. e-mail: elane.uliana@gmail.com

INTRODUÇÃO

As narrativas estão presentes na sociedade desde o princípio dos tempos por ser a forma primitiva da arte de contar, de dizer, de aconselhar, de transmitir ensinamentos e aconselhamentos sendo repassada de uma geração à outra com a finalidade de manutenção de culturas. A tradição oral é patrimônio histórico e cultural e deve ser mantidas para que os conhecimentos e as vivências de mundo adquiridos ao longo do tempo possam ser compartilhados, socializados, pois quanto mais pessoas dividirem conosco nossas memórias, mais difícil será o esquecimento (HALBWACHS, 2006).

A narrativa é uma atividade que traz em si uma prática de aconselhamento, de ensinamentos. A priori a narrativa é a descrição de um fato, de uma história, e o narrador é mero canal entre narrativa e ouvintes. Todavia, ela traz sonhos, medos angústias, dúvidas, inquietações, reflexões ao seu receptor/ouvinte que fará uso dela de maneira única e personalizada, pois irá tocar cada um de forma diferente e suas conclusões serão diversificadas de acordo com a sua vivência, realidade, cultura, contexto social. Esse processo de assimilação se dá por um estado de espírito, e para tal exige de tanto do narrador quanto do ouvinte uma entrega sem pressa e sem intenção e ao mesmo tempo a capacidade de se deixar tocar pelas histórias. É nesse fato que ocorre o fascínio da narrativa: trazer à tona a reflexão, formação de opinião, mudança de comportamento e até mesmo motivação. Contudo, a narrativa oral não impõe opinião, nem verdade absoluta (BENJAMIN, 1986).

A sociedade atualmente está inundada de informações, inserida num mundo virtual confundindo seus limites com o mundo real no cotidiano. A internet, o celular, o tablet e outros equipamentos de tecnologia da informação vão transformando os comportamentos, as formas de se relacionar com a família, com os amigos, com a sociedade e com as novas possibilidades de viajar pelo mundo sem sair de casa. É

viver em dois mundos, é atravessar fronteiras, descobrir outras culturas através de veículos instantâneos que trazem informações, quase sempre, superficiais e sem credibilidade e imparcialidade. Já narrativa oral se põe diferentemente dos jornais, revistas, portais de conteúdo, por exemplo, que manipulam informação e a divulga de acordo com seus interesses políticos, econômicos e sociais. Benjamim (1986) afirma que os níveis de um jornal estão cada vez mais baixos, demonstrando uma visão contrária na forma de como as notícias são divulgadas. Dessa maneira, a narrativa vai desaparecendo e não podemos nos pacificar diante desse fato. Elas são patrimônios da nossa humanidade e é desse modo que deve ser vista entendida, estudada e consagrada (EISENSTEIN; STEFENON, 2009, p.1).

Para Benjamim (1986) a informação é a grande vilã pelo declínio das narrativas, atribui isso ao “bombardeio” de notícias que recebemos diariamente do mundo inteiro e, no entanto não temos histórias surpreendentes para contar. Para o autor, isso é porque as informações já vêm prontas, com explicações, enquanto as narrativas tratam as questões humanas e a literatura não pode ser vista como um lazer simplesmente, mas, como canal de mudança social e formação de uma sociedade mais crítica e social e não imposta por canal de informação sem o verdadeiro compromisso de informar o leitor e de manipulá-lo. Portanto, os profissionais da informação devem estar atentos a esse caminhar da informação, pois faz parte da missão do bibliotecário preservar o cunho liberal e humanístico da história.

Infelizmente como afirma Benjamim (1986) a iniciativa de narrar está em extinção e é cada vez menor o número de pessoas que narram devidamente e com consciência de que a narrativa pode trazer muitos benefícios a psique de uma pessoa. Em nossa contemporaneidade existe uma verdadeira “ruptura” em nossas relações sociais e desta forma a troca de experiências praticamente não existe. Toda essa inflexão influencia negativamente no processo de comunicação humana, pois a individualidade passa a ser hipertrofiada.

No espaço das narrativas orais na sociedade contemporânea, é

importante considerar sua dimensão simbólica para a estruturação de projetos que visam recuperar determinada história, determinada memória. A narrativa oral, assim como a escrita, não são homogêneas, nem terrenos de neutralidade, através dela existem relações de poder:

[...] não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de todo tipo. Desse ponto de vista, a história oral é exatamente comparável a fonte escrita. Nem a fonte escrita deve ser totalmente tomada tal e qual ela se apresenta [...] (POLLAK, 1992, p. 8).

A narrativa oral traz mensagens, informações, é preciso refletir sobre isto, ela tem uma função importante na luta contra o silenciamento da memória, em sua dinâmica, em mostrar que a memória é também individual e através dela as sociedades podem apropriar-se das informações (BENJAMIN, 1986).

Como podemos observar, informações perpassam os relatos orais, histórias e memória, sendo assim, entendemos que a Biblioteconomia não pode isentar-se de uma análise crítica e profunda desta problemática, visto que a troca de experiências, de informação e de conhecimento por intermédio das narrativas orais está no cerne das relações sociais.

Os processos informacionais trazidos pelas narrativas orais proporcionam a construção social do conhecimento. Deste modo, cabe ressaltar, em relação ao narrador, de que não existe dissociação entre o narrador e a narrativa. O primeiro retira da sua experiência o que conta, experiência própria ou a relatada por outros e as integra na narrativa que as incorpora às experiências dos ouvintes. Essa é a experiência da tradição que trazem diferenciados conhecimentos se constroem e (re) constroem em nosso dia a dia (BENJAMIM, 1986).

Narrar e ouvir história tem uma função social, os homens são

colocados como sujeitos criadores de suas práticas sociais. Nesse sentido podemos afirmar que tanto o narrador quanto os ouvintes estão envolvidos em uma espécie de “teia” social; o que importa neste contexto é a transcendência do plano superficial para outras realidades. Muitas vezes o narrador não está presente naquele momento histórico do ouvinte, contudo através da oralidade todo esse apanhado cultural passa a ser vivenciado e transferido aos ouvintes.

A narrativa é o principal meio de transmissão da memória e da história, fonte de conhecimento. [...] não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução (BENJAMIN, 1996, p.10)

Neste momento temos o ápice da questão, visto que o narrador não está limitado no tempo/espaço. Deste modo, a narrativa traz à tona um senso prático, advindo de sua necessidade humana de exemplificar a realidade humana. Por isso concebemos que muitas das vezes o senso comum não está errado. O conhecimento prático que se tem sobre determinado assunto e para, além disso, os seus resultados satisfatórios evidenciam esta questão, pois são reproduções de experiências de mundo. O que dizer de muitas avós que não tem conhecimento científico apurado, mas que mesmo assim conseguem identificar uma erva em seu quintal que cure alguma de seus netos ou vizinhos? O que dizer de seus contos que servem de conselhos para outros e que tais exemplos prosseguem no tempo pela oralidade?

Para Benjamin (1986) essa tradição é a sabedoria do tempo, em outras palavras, é a experiência da tradição, porque toda a experiência que se pretende verdadeira deriva-se na tradição definida como conselho tecido na substância viva da existência. Portanto, essa é uma questão que precisamos refletir a sabedoria popular. Problematicando um pouco mais e se as narrativas dessas avós se tornassem narrativas

escritas? Sendo assim, temos de ter a clareza que atualmente a informação é válida nos processos de comunicação humana por uma série de fatores que não cabe neste momento tratar. Todavia, isto não exige de forma nenhuma as narrativas orais de buscarem entre as diversas “teias” sociais as forças hegemônicas que a motivam. Seguir nessa intencionalidade é o ponto chave da questão. Saber reconhecer as tendências que impulsionam as narrativas é extrapolar a subjetividade dos ouvintes com a possibilidade de conhecer o desconhecido de acordo com as suas múltiplas interpretações e explorá-las (BENJAMIN, 1986).

As histórias são uma busca sem fim. Por ventura isso não é um resgate histórico? Um patrimônio? Logo, história é ensinamento. Cada conto nos dá uma ideia diferente, como por exemplo, os Contos de Fada que abrem portas para um mundo novo simbólico. As histórias trazem a força da palavra que faz existir o que não existe ou o que não se pode ver. Esse objeto artístico e motivador de mudanças de quem falamos são as narrativas orais, ou seja, a história como patrimônio de informação é possibilidade de construir conhecimento, é a transmissão material de cultura através da emissão vocal.

O conto de fadas ensinou há muito tempo a humanidade e ainda hoje ensina as crianças a combater as forças do mundo do mito com astúcia e ousadia. [...] A magia libertadora do conto de fadas não coloca em cena a natureza de um modo mítico, mas indica a sua cumplicidade com o ser humano liberado (BENJAMIN, 1991, p. 458 apud LAVELLE, 2017, p. 846-847).

Em consonância aos pensamentos de Estés (1999) conseguimos observar que as narrativas apresentam um mistério que é indissociável a sua própria natureza e que enquanto prática, ou seja, uma espécie de ritual sagrado que torna a trazer para a nossa realidade o mistério. Assim, podemos analisar a linguagem enquanto uma reprodução desse

mistério e o narrador apresenta um papel ímpar nessa dinâmica.

Neste viés cabe à Biblioteconomia compreender as narrativas enquanto um patrimônio histórico inerente às formas de expressão do ser humano (no seio das comunicações humanas), pois participa do processo dinâmico de construção do conhecimento em que o conhecimento das pessoas é transferido pelas mensagens. A mensagem em si não é a informação, muito pelo contrário ela é uma potencial informação, pois vai depender muito da forma em que o receptor irá sistematizá-la. Como afirma Barreto, (1994) em referência a informação sem intencionalidade, sendo a mensagem entendida como um subprocesso de representação. E que se de um lado busca comunicar o sentido através do sujeito narrador/comunicante, do outro lado há o processo de atribuição de sentido efetuado pelo sujeito interpretante/ouvinte.

A comunicação de uma mensagem dá origem à informação, quer seja compreendida como atribuição de sentido à mensagem comunicada, quer seja compreendida como um conjunto de estruturas significantes, que leva a uma alteração do estado de conhecimento que, por sua vez, desencadeia um processo de desenvolvimento, que permite acessar um estágio qualitativamente superior nas diversas e diferentes gradações da condição humana (BARRETO, 1994, p. 122).

Desse modo, mensagem só passa a ser informação quando as narrativas apresentam para os ouvintes as múltiplas possibilidades de interpretação em um âmbito coletivo, a partir de seu contexto psicossocial e cultural, que são influências para o processo de informação. No entanto, as estruturas do conhecimento dos ouvintes não são alteradas somente pelo processo de comunicação/narração, mas por sua interação com o mundo ao seu redor. Portanto, as narrativas orais não de definem apenas quando há intencionalidade de narrar, elas são processos de atribuição de sentido com capacidade de alterar o estado de conhecimento do ouvinte.

“Contar história sempre foi a arte de contá-las de novo e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas”, a narrativa, de certo modo é uma forma artesanal de comunicação, e sua maior força está no interesse do ouvinte por se considerar parte do que é narrado (BENJAMIM, 1986, p. 205). Desta forma, o verdadeiro narrador tem suas fontes nas tradições; suas raízes mais profundas que transmitem uma imagem de uma experiência coletiva. E se a narrativa transmite um ensinamento, então o narrador é sábio, aconselha recorrendo as várias experiências vividas, que poderão ser recontadas.

As narrativas sendo o ato de contar um fato e através dele mudar comportamentos possuem a capacidade de recuperar, resgatar histórias, sonhos, instigar a criatividade e através disto mudar o comportamento social, deste modo é memória, é recuperação da informação, que é um dos pilares da Biblioteconomia. (FOSKETT, 1980, p.56)

Sendo vital em qualquer área, a informação precisa circular, ser bem disseminada e não imposta de forma conveniente e convincente. Daí a responsabilidade do campo da Biblioteconomia, que têm em sua missão a organização e a disseminação da informação, fazer com que ela chegue ao seu destino sem interferências e ou ruído.

As narrativas sendo entendidas como patrimônio da humanidade relacionam-se com questões profundas, também são narrativas informacionais no momento em que formam opinião, trabalham o psicológico do indivíduo e mudam a sua forma de encarar o mundo, portanto possuem poder de transformação social.

Devemos aqui considerar narrativas orais como contação de histórias, que dentre as inúmeras atribuições pedagógicas e culturais é também uma brincadeira. É uma atividade ancestral, e em decorrência de tantas tecnologias disponíveis na sociedade atual, o ato de brincar, acaba sendo uma opção que fica em segundo plano. “Essa atividade deve ser entendida como uma possibilidade em que a criança se exercita intelectualmente, ou seja, um ato prazeroso, tanto para a criança quanto

para o contador de história” (BORTOLINI; BURGHI, 2014, p. 214).

O ato de contar histórias é fundamental, uma vez que faz parte da natureza humana. Elas têm o poder de interiorizar conceitos, emoções, e, portanto, devem ser bem escolhidas. Ademais, o ato de contar histórias facilita o processo de aprendizagem. Para Abramovich (1997, p.17),

[...] através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc.

Atualmente, o ato de contar histórias deve aliar aos novos modelos de leitura, em especial nas bibliotecas escolares. Em um mundo recheado por tvs, celulares, tablets, o aluno tem dificuldades em se apegar ao físico, palpável, assim o bibliotecário deve adotar metodologias que facilitem o cumprimento de seu papel de difusor cultural e educacional, contribuindo para a formação de um espaço dinâmico, onde os alunos sejam leitores aptos ao desenvolvimento de competências sócio emocionais importantes para a sua formação como cidadão. Deste modo, há de se construir uma forte interação entre bibliotecário, professores e alunos.

A contação de história é reserva de encantamento da educação. Ancorada no conceito de cultura a escola é espaço privilegiado em que se encontram diferentes sujeitos e comportamentos, desde o cotidiano situado no espaço escolar até no entorno de seu contexto social. É neste espaço que é possível dialogar, debater, comunicar, narrar as diferentes possibilidades de diversas experiências. E a biblioteca, é por excelência o espaço adequado para o desenvolvimento dessas atividades. Espaço que se justifica profundamente o desenvolvimento do hábito e gosto pela leitura e contribuição para a formação de cidadania.

Os questionamentos a serem abordados neste trabalho tem como pressuposto o potencial do bibliotecário como mediador da informação através da contação de história na biblioteca escolar, e por ser uma atividade possuidora de significações no processo de ensino-aprendizagem do aluno e contribuir para o desenvolvimento do hábito

e gosto pela leitura.

A partir da minha prática da autora foi possível defrontar-se com as várias possibilidades trazidas pela contação de história e que será demonstrado ao longo dessa discussão. Nesse sentido, qual tem sido o papel da narrativa oral nas sociedades? Qual sua função na contemporaneidade?

BREVE HISTÓRICO

As narrativas orais originam-se desde o tempo em que não havia a escrita e os materiais que pudessem manter e circular os registros históricos. Considera-se que é na “tradição oral que se fundamenta a identidade mais profunda de um povo”, vez que eram utilizadas para transmissão de conhecimentos para as futuras gerações (DILL; KIRCHNER, 2015).

As primeiras civilizações utilizavam a linguagem oral para repassar aos seus descendentes a sabedoria deixada por seus antepassados, para solucionar problemas e manter vivas as tradições e segredos de seus povos. Nesse sentido, ao olharmos para a história da humanidade constatamos que ela está fortemente marcada pelo uso que os homens fizeram das narrativas para que pudessem se descobrir enquanto pessoas e para repassar às gerações futuras sua identidade e as descobertas realizadas em consequência de suas necessidades (SOUZA; FEBA apud. DILL; KIRCHNER, 2015. p. 2).

De acordo com Zilberman (2005, p. 18) e Cademartori (1987, p. 34), a literatura infantil surge inicialmente pensada para o público adulto, como forma de entretenimento, e posteriormente adaptado ao público infantil, como esclarece. As primeiras narrativas para crianças objetivavam educar e ensinar valores. Os livros infantis traziam histórias que existiam desde os tempos antigos, os quais eram considerados contos. No fim do Século XIX autores como Charles Perrault, Irmãos Grimm recolheram contos da tradição oral bastantes populares e registraram por escrito, sendo o primeiro apontado como precursor da literatura infantil.

A literatura infantil no Brasil se inicia tardiamente com as traduções de obras europeias e adaptações de obras destinadas a adultos. Com o aumento dessas produções e o intuito de atender essa nova faixa etária de leitores começou a se pensar em uma literatura que pudesse contemplar a realidade brasileira, fato que ocorreu ao final do século XX, com obras destinadas ao público infantil e escrita por brasileiros com destaque para Monteiro Lobato e suas histórias e personagens tipicamente brasileiros com cuidado especial com o público a qual destinavam suas obras (ZILBERMAN, 2005, p. 14).

A consciência social de Lobato levou-o a ter um cuidado especial com o leitor. A convicção a respeito da importância da literatura no processo social, a visão do livro como um meio eficaz de modificar a percepção, confere ao destinatário um lugar particularmente importante em seu mundo ficcional (CADEMARTORI, 1987). Portanto, conclui Silva afirma que:

Falar em literatura infantil brasileira é falar em Monteiro Lobato, escritor ultrapassou as fronteiras do Brasil, conquistando popularidade junto ao público leitor latino-americano ainda no início dos anos 40. Mais do que isso: falar em escrever, traduzir, editar e distribuir livros neste país é falar em Lobato, homem ímpar, cujo maior empenho estava em mudar a face arcaica do Brasil, em trazer o país para a modernidade. Foi ele quem cunhou a célebre frase: “Um país se faz com homens e livros”, assertiva que nem os recentes ventos da globalização têm conseguido abalar (SILVA, 2009, p. 117).

Somente nos anos 70 que a literatura infantil teve um avanço e começou a ganhar espaço nas escolas, período conhecido pelo grande produção literária no país. Em decorrência desse evento surgiram vários autores do gênero e a consequência foi uma ocupação das livrarias brasileiras, antes relegadas aos desvãos (SILVA, 2009, p. 107).

Como parte atuante no processo de alfabetização, até o Século

XX a Biblioteca Escolar não possuía nenhum tipo de políticas públicas para que os processos de alfabetização fossem implantados nas escolas brasileiras. Somente a partir da década de 1990, através da criação da Lei de Diretrizes e Bases Nacionais da Educação Nacional (BRASIL, 1996) dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e do Programa Nacional de Biblioteca na Escola (BRASIL, 2008) pelo Governo Federal que se apresentou algumas políticas para o desenvolvimento da biblioteca escolar. Também, há de se ressaltar a criação do Manifesto da IFLA/UNESCO⁴⁹ (Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias) para Biblioteca Escolar abordando questões como missão, objetivos e serviços (IFLA, 2000). Porém, mesmo com algumas ações governamentais foi constatado por Campello et al. (2013) que grande parte das bibliotecas escolares brasileiras não passavam de salas de leitura ou apenas um espaço com livros na escola, sem bibliotecário, sem organização, sem catálogos.

A partir do Século XXI surgiram algumas políticas públicas em relação à biblioteca escolar, como a lei de Política Nacional do Livro (BRASIL, 2003) e a Lei de Universalização das Bibliotecas nas instituições de ensino no Brasil (BRASIL, 2010). Contudo, é fato que as bibliotecas escolares brasileiras enfrentam dificuldades em cumprir seu verdadeiro papel em decorrência da falta de incentivo e investimento em acervo, e de profissionais especializados na área.

De acordo com a Lei 12.244 de 2010, a biblioteca escolar é conceituada como uma coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados às consultas, pesquisas, estudo ou leitura (BRASIL, 2010). A mesma lei determina

49 A tradução feita para o Brasil, São Paulo, é de autoria da Profa. Dra. Neusa Dias de Macedo ; docente aposentada do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Escola de Comunicação e Artes da USP e assessora especial ao Projeto Biblioteca Escolar/FEBAB. O Manifesto foi preparado pela IFLA e aprovado pela UNESCO em sua Conferência Geral de novembro de 1999. Existe tradução para o português de Portugal. O original inglês obtido em <http://www.ifla.org> (rev. de 16 de fevereiro de 2000).

ainda que até o ano de 2020 sejam instituídas bibliotecas em todas as instituições de ensino, público e privado no Brasil.

Ferrarezi e Romão (2013) inspiram a reflexão sobre a biblioteca escolar como um espaço por excelência de leitura, e por vezes é o único lugar onde o aluno tem a oportunidade de acesso aos livros, que não os didáticos. Deste modo, é espaço de lazer, imaginação. E são os profissionais bibliotecários que poderão despertar o interesse pela leitura, pelos livros, pela informação. Para tanto, necessário que o espaço seja agradável, acervo atualizado e estrutura adequada, além de profissionais empenhados em realizar atividades de incentivo cultural. Práticas pedagógicas são fundamentais no currículo e abrange diferentes eixos: pessoais e do conhecimento. E para atingir esses objetivos devem ser desenvolvidos projetos pedagógicos que permitam a integração dos conteúdos. Diante dessa realidade a problemática estabelecida: Como a biblioteca escolar e principalmente os bibliotecários podem contribuir para a formação de leitores?

O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

É primordial a interação entre bibliotecário, história e aluno. Consideramos que interação diz respeito a ação entre duas ou mais pessoas. De acordo com Dicionário Breve da Informação e da Comunicação publicado em Lisboa - Portugal afirma que interação é “Acção mútua realizada por dois ou mais agentes físicos, biológicos ou humanos, visando objetivos e estratégias comuns” e na contação de história fica evidente que a interatividade está atrelada aos contadores de histórias/bibliotecários-aluno. (RODRIGUES, 2000, p. 71 apud BORTOLINI; BURGHI, 2014, p.216).

A interação entre bibliotecário e aluno não se efetiva sem que haja um ponto de convergência. Nessa perspectiva, fica evidente que o compartilhamento de conhecimentos, de acolhida e o de fazer parte do espaço da biblioteca tornaram-se essenciais para a atuação do

bibliotecário. Para Paulo Freire (1999) é o fato de ser disponível que enaltece o ato de mediar, em consequência o espaço da biblioteca escolar.

Nossa defesa é de que na escola a contação de histórias precisa, cada vez mais, estar presente, evidenciando uma diversidade de temas, que devem ser contados de forma ética e afetiva. Assim, é preciso que o bibliotecário fique atento para “[...] a importância de se trabalhar com atividades de contação de histórias, com vistas a facilitar a aproximação de seus alunos com a leitura e com o acervo” (BORTOLINI; BURGHI, 2014, p. 217).

A contação de história é reconhecidamente uma das principais atividades de incentivo ao hábito e ao gosto pela leitura, além de que, para o ouvinte, o que é narrado ganha vida e encantamento. E isto proporciona interesse ao aluno em ouvir mais histórias e a motivação para explorar a biblioteca em busca de outros encantamentos, pois se sentem capazes de ler e narrar.

O bibliotecário escolar como mediador está além da organização, desenvolvimento de coleções e administração de bibliotecas. A função está dividida entre o educativo e o cultural, e essa atividade aparece como forma de garantir o uso efetivo da biblioteca.

O primeiro passo para a utilização efetiva do espaço da biblioteca escolar está na conquista da confiabilidade dos alunos. E seguindo as consagradas leis de Ranganathan (1967), a biblioteca precisa ser um espaço agradável, confortável para que os alunos sejam recepcionados com cordialidade, haja vista que os profissionais da escola são referências de comportamentos e atitudes aos alunos. Para tanto, há necessidade que o profissional da biblioteca tenha afinidade com os usuários da escola. E para tanto, necessário que ele seja também, um bom leitor. Ou seja, para assumir um papel de contador de história, precisa gostar de ler. Esse é um ponto crucial para que seja um mediador da narrativa e assim levar os alunos para o mundo da leitura.

A criança deve ter seu primeiro contato com a literatura/livro

no âmbito familiar, antes mesmo do processo de alfabetização. Entretanto, nas regiões socialmente desfavorecidas, esse primeiro contato, na maioria das vezes, e infelizmente, ocorre na escola. Deste modo, é na escola que o professor será responsável pela alfabetização do aluno e o bibliotecário pelo incentivo ao uso da biblioteca, portanto, maior ainda a responsabilidade do bibliotecário em fazer o hábito e gosto pela leitura do aluno. “É preciso compreender que o gosto pela leitura é um hábito que se adquire”, portanto é de extrema importância que os alunos sejam inseridos nessa prática possibilitando-os às múltiplas leituras de mundo (NUNES et al., 2012, p.3).

É importante ressaltar que, as atividades do bibliotecário escolar também extrapola a biblioteca e não se restringe à sala de aula, também está diretamente ligada a toda comunidade escolar: professores, administradores, pais, gestores e todos os interessados na comunidade escolar. É preciso cooperação entre todos os profissionais para atingir as propostas da biblioteca escolar. Quando todos estão comprometidos com a proposta de incentivo à leitura, a biblioteca escolar ganha outra dimensão, pois há planejamento coletivo e efetivo entre os profissionais da escola, resultando num espaço atuante e de mobilização social (IFLA/UNESCO, 2000).

Muito embora tenhamos todos os arcabouços de cooperação entre profissionais da escola em prol do incentivo à leitura, visualizamos que em muitas unidades escolares não se encontram profissionais habituados com a biblioteca, muitas vezes professores que nunca estiveram na biblioteca e nem tiveram a iniciativa de conhecer o espaço. Porém, o bibliotecário deve buscar formas de estimular esses profissionais a conhecer o espaço, mostrar as diversas possibilidades de uso da biblioteca em parceria com a sala de aula. Obviamente que o bibliotecário também deve estar a par da grade curricular e definir, junto ao professor e pedagogo atividades em acordo com o currículo, e podendo ser a contação de história uma das iniciativas, o que pode resultar em uma aprendizagem mais exultante ao aluno (IFLA/UNESCO,

2000).

Temos a leitura como fator indispensável na vida dos indivíduos. Leitura tem função social, portanto, o aluno deve ter contato com as diferentes modalidades de textos. Neste sentido, a escola, além de alfabetizar também cumpre o papel de desenvolver habilidades de reconhecimento da diversidade de tipologias de leitura existentes e uma das diferentes formas de apreender leitura pode ser realizada através da contação de história.

Em primeiro momento, a contação remonta a nossa tradição oral, o nosso primeiro contato com a comunicação, e sem seguida pode proporcionar a descoberta de um novo mundo, cheio de significados e resignificados.

O ato de contar histórias na biblioteca é ato de brincar com palavras, com sonhos, imaginação, sentimentos, e é também uma forma de nos levar a outros mundos, compartilhar sentimentos com os personagens, vivenciar outras vidas. E de também de levar os alunos, por um instante de se entregar a outro cotidiano (BORTOLINI; BURGHI, 2014, p. 214).

E para que contar história? Para tocar o ouvinte, para cativá-lo, para convidá-lo a participar e conhecer outros mundos, outras pessoas. Porém, o mais importante é conduzir o aluno a conhecer o seu próprio mundo. De acordo com Dohme (2010, p.19) em se tratando de um desenvolvimento interno das crianças as histórias desempenham papéis importantes. Para o autor a contação de história proporciona o desenvolvimento de uma variedade de valores, imaginação, criatividade, criticidade, disciplina, raciocínio e senso crítico.

Contar história é arte de educar, e é uma excelente ferramenta de trabalho, e há uma fonte inesgotável de temas. E nesse universo podemos aprofundar conhecimentos e desenvolver um repertório extremamente variado, podendo ser alinhado com o conteúdo curricular do aluno, ou simplesmente histórias para encantamento,

diversão, lazer, prazer.

O bibliotecário pode transformar o acervo em equipamento voltado para a aprendizagem e construção de saberes, cujo processo reconhece a leitura como via de acesso à informação, ou seja, fundamenta a construção desses conhecimentos, desse modo, as ações de mediação, são ações de mediação de leitura pelo bibliotecário e visto como ações de inclusão cultural e de emancipação de indivíduos (RASTELI; CAVALCANTE, 2013).

No momento em que se conta uma história, o aluno percebe que essa atividade foi especialmente desenvolvida para ele, e a chance que esse aluno tenha mais atenção é muito maior, e por vezes despertando o interesse de ser participativo, de também ser um contador de história. O contar história adquire a proporção de importância, de demonstrar que também já sabe contar história, de que já é parte da biblioteca, de que lê diariamente, que já conhece o alfabeto, que já consegue ler o livro, que entende, que compreende e que tem capacidade de compartilhar suas experiências através da contação de história.

CONTANDO HISTÓRIA NA BIBLIOTECA: VIVÊNCIAS DE AFETO

A função da biblioteca escolar está centrada em duas áreas: a educativa e a cultural. A primeira está em construir alunos autônomos, independentes, com habilidades de escolher e localizar a informação desejada, além de incentivar a busca pelo conhecimento e como apoio ao planejamento curricular; sendo a segunda, compreendida no sentido de fornecer possibilidades de diferentes leituras e sua importância de forma agradável e prazerosa (RIBEIRO, 1994, p.61).

Para Nobrega, (2002, p. 129) “[...] a contação de história praticada no espaço da biblioteca escolar é um caminho seguro que leva às mais diferentes leituras”. Deste modo, é de grande importância que o bibliotecário promova seu acervo por intermédio de atividades culturais. A autora apresenta dois tipos de dinamização do acervo:

atividades variadas de leitura e espaço convidativo. Assim, o bibliotecário deve apurar sua sensibilidade no momento de contar a história, para contribuir para que a interação ocorra, o que poderá levar o aluno em busca de novas leituras, e ter espaço agradável para que seja um momento agradável e inesquecível, tendo em vista que a contação de histórias possui uma infinidade de possibilidades de interação, dentre elas, estimular o desenvolvimento das funções cognitivas e do pensamento permite ao indivíduo compreender e interpretar melhor a si mesmo e a realidade.

Contar histórias, ao mesmo tempo valoriza as narrativas como atividade para o mundo da leitura, como também evidencia o acervo. É atividade imprescindível para escola, em especial, na biblioteca escolar, pois é nela que deverão ser formados os futuros leitores. Portanto, cabe ao bibliotecário implantar a prática da oralidade, visando apoiar o desenvolvimento da capacidade criativa e original do aluno, propiciar o senso crítico, o despertar da curiosidade em descobrir novas leituras.

Outro aspecto importante é a mudança da imagem do bibliotecário. É necessário dizer que o primeiro contato com o bibliotecário, quase sempre, ocorre na escola. Um dos desafios do bibliotecário diz respeito ao papel que ele deve assumir como agente transformador. A sua representatividade no contexto escolar como agente educacional, social e cultural é vista de forma diferenciada pelo aluno e toda a comunidade escolar. E nessa atuação que o profissional possui a oportunidade de demonstrar a real missão do bibliotecário na sociedade, e isso é possível através da biblioteca escolar.

Uma experiência bem sucedida pode ser constatada na Rede Municipal de Educação da Prefeitura de Vitória/ES com base no Projeto intitulado “Revitalização dos Espaços Escolares”. O programa teve início em 1999, com a proposta de instalar bibliotecas em todas as unidades escolares objetivando escolas mais dinâmicas, vivas, participativas, agregadoras de projetos pedagógicos na aproximação do cotidiano escolar, por meio de práticas pedagógicas e educativas. A meta inicial foi

o de contemplar 13 escolas de ensino fundamental. Na medida em que as 13 primeiras escolas foram sendo atendidas, o projeto se estendeu a outras unidades até que todas foram completamente atingidas pelo projeto. Atualmente, a Rede de Escolas da Prefeitura de Vitória conta com 53 (cinquenta e três) unidades de ensino, sendo todas com bibliotecas e com bibliotecários (STOCCO, 2017).

A inclusão de bibliotecas nas escolas permitiu uma nova visão, um novo ambiente às escolas, e outros métodos de despertar nos alunos e toda comunidade escolar novas estratégias de estimular nos alunos o desejo pela leitura, sendo uma das atividades das bibliotecas a contação de histórias.

Em atuação ao longo dos anos, à frente da biblioteca escolar na EMEF “Professor Vercenílio da Silva Pascoal” (EMEF VSP), no bairro de Joana D'Arc em Vitória/ES, foi possível constatar que as práticas culturais, especialmente a contação de história apresentou grandes potencialidade de construção de significados, valores, comportamentos, descobertas e que a biblioteca é espaço de (com) partilhamento diversos, de formação de leitores.

[...] acredito que somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a literatura se propiciarmos a ela, desde muito cedo, um contato frequente e agradável com o objeto livro e com o ato de ouvir e contar histórias, em primeiro lugar e, após, com o conteúdo deste objeto, a história propriamente dita com seus textos e ilustrações. Isso equivale a dizer que tornar um livro parte integrante do dia a dia das nossas crianças é o primeiro passo para iniciarmos o processo de sua formação como leitores (KAERCHER, 2001, p. 82-83).

A prática de contação de história faz parte das atividades da biblioteca EMEF VSP abrangendo todas as turmas da unidade de ensino, um total de 23 turmas. Inicialmente se questionou o porquê da contação de histórias para turmas de alunos dos períodos de 6º ao 9º ano do

Ensino Fundamental 2. O reflexo dessa indagação pode ser percebido pelo encantamento que o ouvir história traz a todos. Por mais que pareça óbvio, o gosto de ouvir história não se limita aos “pequenos”. Estamos sempre dispostos a ouvir histórias, mesmo que sejam as mesmas histórias de nossa infância, as quais já conhecemos os personagens, o conteúdo e o fim da história. Mas ouvir história nos remete a um mundo de fascínio e de magia; e isso não há idade.

Em nosso programa de atividades as histórias contadas na biblioteca são algumas vezes pré-selecionadas em parceria com o professor, vezes de acordo com a grade curricular e por vezes de forma livre abordando diversos temas que nos remetem ao processo de aprendizagem e desenvolvimento do hábito e gosto pela leitura, além de promover a criticidade dos alunos.

Acreditamos que a contação de história é um convite à leitura, à própria história, à biblioteca. Os resultados da atividade de contação de história podem ser observados no fato de que vários alunos se propuseram a se tornarem contadores de história. A partir desse interesse surgiu o Projeto “Palanque da Leitura” onde o aluno que se interesse poderia contar sua história, sendo de livre escolha o seu tema. A contação de história é realizada pelos alunos e a cada semana o número de alunos contadores de histórias cresce estimulando outros também a serem narradores.

A percepção retirada dessa prática é a de que os alunos cada vez mais se interessam pelas histórias apresentadas, e se interessaram em se tornarem contadores também. Muito embora, alguns tenham timidez, é notadamente visto que há um esforço para também fazerem parte dos contadores de história da escola. Um fato marcante ocorrido na biblioteca foi de um aluno que confessou grande interesse em participar da atividade, porém, sentia-se muito envergonhado. Após um longo diálogo entre aluno, bibliotecário e professor foi demonstrado ao aluno que narrar uma história é parte de nosso cotidiano e que todos somos capazes de contar história. Depois de alguns dias o mesmo aluno se

prontificou a contar história e argumentou: “*eu superei meu medo*”. E extraordinariamente, contou a história com bastante desenvoltura e habilidade, sendo aplaudido pela turma tanto pela contação da história quanto pela superação da timidez.

Deste modo, fica evidente que o bibliotecário escolar tem parte fundamental no seu fazer na escola, tendo em suas atividades o compromisso com a educação, cultura, e o desenvolvimento social, além de fazer da biblioteca escolar um espaço de cidadania e de exercer sua maior missão: ser agente de transformação social.

CONSIDERAÇÕES

Contação de história leva a criança a descobrir um mundo de fantasia, que permite viajar e atuar num mundo imaginário e mágico, que por vezes ameniza a realidade vivenciada. Nesse momento o contador de história consegue transmitir e transpor sentimentos, valores, comportamentos e formas de pensar. É uma maneira lúdica e simples de comunicar com pessoas as experiências, sonhos, medos e alegrias. É também modo de descobrir que os seus sentimentos não são únicos, são parte do outro, e que não estão sozinhas.

Contar história é a arte que permite compreender o mundo de forma amistosa e prazerosa, além de ser estímulo para novas experiências e vivências. Contar história é arte de encantamento e de riqueza espiritual, é fenômeno de criatividade que representa o mundo o homem e a vida. A arte que tem como fator fundamental desenvolvimento de aptidões para o contato com a leitura, escrita, oralidade, e especialmente de dar sentido à nossa existência.

Nesse contexto, é possível perceber o quão vital é a missão do bibliotecário escolar diante da possibilidade e responsabilidade na formação do leitor. Contar histórias não se trata de uma tarefa fácil, pois as narrativas possuem questões informacionais no momento em que são apresentadas, elas são portadoras de informações podem inferir na

forma do indivíduo encarar o mundo, e isso é transformação social.

Ao bibliotecário escolar compete mediar, favorecer novas formas de construção de conhecimentos, e apresentar a biblioteca como lugar adequado para os alunos aprenderem a utilizar os recursos informacionais e desenvolverem suas próprias experiências. Acreditamos que na contação de histórias existe a possibilidade do aluno construir novos pontos de vistas a respeito dos temas ofertados a ele, de explorar sua criatividade, melhorar sua conduta no processo de aprendizagem, além de aumentar sua autoestima. E nessa perspectiva que se acredita que a contação de história seja o primeiro passo para formação de um leitor tomado pela magia e apto para iniciar caminhos da vida como verdadeiro cidadão crítico.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fany. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.174 p.

BARRETO, Aldo Albuquerque. A questão da informação. *São Paulo em Questão*. São Paulo, v. 8, n. 4, 1994. Disponível em <<http://www.e-easi.org/cinfor/quest/quest.html>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

BENJAMIM, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BORTOLIN, Sueli; BURGHI, Vera Jussara. A interação entre o bibliotecário e o leitor-ouvinte na contação de história. *Inf. Prof.*, Londrina, v. 3, n. 1/2, p. 213-226, jan./dez. 2014. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/infoprof/>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 20 mai. 2017.

BRASIL. Senado Federal. Lei 12.244/10 de 24 de maio de 2010.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm>. Acesso em: 22 abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação Lei N. 10.753, de 30 de outubro de 2003. Institui a política nacional do livro. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.753.htm>. Acesso em: 26 abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras / Secretaria de Educação Básica, Coordenação-Geral de Materiais Didáticos*. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. 3. ed. São Paulo, S.P.: Editora Brasiliense S.A., 1987.

CAMPELLO, Bernadete et al. Pesquisas sobre biblioteca escolar no Brasil: o estado da arte. *Encontros Bibi: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, v. 18, n. 37, p.123-156, mai./ago., 2013.

DILL, Daiane; KIRCHNER, Elenice Ana. Um olhar sobre a história da literatura infantil. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DE PEDAGOGIA, 6, 2015. *Anais...* Itapiranga: FAI – Faculdades de Itapiranga – SC, 2015. Disponível em: <<http://faifaculdades.edu.br/eventos/SEMIC/6SEMIC/arquivos/resumos/RES22.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

DOHME, Vania D'Angelo. *Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

EISENSTEIN, Evelyn; STEFENON, Susana Graciela Bruno. *Geração Digital: riscos e benefícios das novas tecnologias para crianças e*

adolescentes. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FERRAREZI, Ludmila; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Certos sentidos de biblioteca escolar: efeitos de repetição e deslocamento. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 13, n. 1, p. 35-64, jan./abr. 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FOSKETT, D. J. Ciência da Informação como disciplina emergente: implicações educacionais. In: GOMES, Hagar Espanha. (Org.). *Ciência da Informação ou Informática?* Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 53-69.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IFLA. Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar. 2000. Disponível em <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

KAERCHER, Gládis (Org.). *Educação Infantil: Pra que te quero?* Porto Alegre: ARTMED, 2001.

LAVELLE, Patricia Gissoni de Santiago. Walter Benjamin e o contador de histórias: (re)fundação do conto como gênero crítico. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 43, p. 837-852, mai./ago. 2017.

NOBREGA, Nanci Gonçalves da. *De livros e bibliotecas como memória do mundo: dinamização de acervos*. In: YUNES, Eliana. (Org.). *Pensar a leitura: complexidades*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

NUNES, Izonete et al. A importância do incentivo à leitura na visão dos professores da escola Walt Disney. *Revista eletrônica online*. Editora:

REFAF, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RANGANATHAN, S. R. *Five the laws of library science*. Bombay: Asia Publishing House, 1967.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lidia Eugenia. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em biblioteca pública. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 18, n. 36, p. 157-180, jan./abr. 2013.

RIBEIRO, Maria Solange Pereira. Desenvolvimento de coleção na biblioteca escolar: uma contribuição a formação crítica sociocultural do educando. *Transformação*, Campinas, v. 6, n. 113, jan./dez. 1994.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. 2. Ed. Goiânia, GO: Cânone Editorial, 2009.

STOCCO, Penha Maria Cordeiro. *Revitalização dos espaços escolares* [9 de junho de 2017]. Entrevista concedida à Elane Couto Uliana.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro, R.S.: Objetiva, 2005.

SOBRE OS AUTORES

Adriana Alcará – Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde atua nos cursos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e no programa de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação (PPGCI/UEL). Possui doutorado em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF), mestrado em Educação, especialização em Gerência de Unidades de Informação e graduação em Biblioteconomia pela UEL. É pesquisadora e líder do Grupo de Pesquisa Informação e Cognição, cujos projetos estão voltados para o estudo do processo de busca e uso da informação, focando principalmente na formação de habilidades informacionais e na competência em informação.

Alzimar Ramalho – Pós-doutora pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Comunicação pela Universidade de Marília (UNIMAR), especialista em Comunicação Visual em Mídias Interativas pela Universidade do Norte do Paraná e jornalista pela Universidade Estadual de Londrina. Foi docente da Universidade de Brasília, Centro Universitário de Araras e Fundação Educacional do Município de Assis. Atualmente é docente e pesquisadora na interface jornalismo e novas mídias do Centro Universitário IESB de Brasília.

Amanda Xavier – Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro e ex-bolsista de iniciação científica do Grupo de Estudos de Narrativas da Terra (GENTE) do Centro de Educação da UFES.

Ana Cláudia Borges Campos – Doutora em Ciência da Informação, Dinter UnB/UFES, mestre em Políticas Sociais, ênfase em Políticas

Públicas, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora do Departamento de Biblioteconomia da Ufes, possuindo experiência em pesquisa em bases bibliográficas nacionais e internacionais; controle, atualização e encaminhamento de normas técnicas; pesquisa bibliográfica; gestão de documentos eletrônicos em drives de rede; administração de Centros de Documentação (impressos e eletrônicos); catalogação, indexação e pesquisa de imagens em movimento.

Benedito Medeiros Neto - Pós-Doutorado da Escola de Comunicação e Arte ECA/USP. Doutor em Ciência da Informação/Inclusão Digital pela Faculdade de Ciência da Informação da UnB. Mestrado em Pesquisa Operacional/Teoria dos Grafos (Estatística e Métodos Quantitativos) pela UnB. Especialista em Engenharia Elétrica/Inteligência Artificial pela UnB. Engenheiro Eletricista/Telecomunicações pela UnB. Vida Profissional: Bolsista Pesquisador do Projeto/MEC/MCTI/CAPES/CNPq/FAPs n. 09/2014. Pesquisador e Professor da FAC/UnB & CIC/IE/UnB. Pesquisador Associado da Escola do Futuro-USP. Participante do Comitê Técnico GT01 ENANCIB. Parecerista da Revista Ibero-America de CI/Faculdade de Ciência da Informação/UnB. Foi Consultor para Inclusão Digital do Ministério das Comunicação e Coordenador de Gestão do Conhecimento e Avaliação do Programa GESAC. Na ECT foi Gerente de Diretoria, Assessor da Vice-Presidência, Assessor/Apoio Técnico (FAT) de Diretoria da Tecnologia e Infra-Estrutura e Analista de Sistema Sênior. Foi Chefe de Seção de Telecomunicações do Sistema Telebras. Foi Professor de Ensino Superior/ESAP/ECT, Professor Universidade Católica de Brasília e Professor do CEUB. Fez parte do Conselho Editorial do Programa GESAC/Ministério das Comunicações. Áreas de atuação e pesquisa: Ciências da Computação, Informação e Comunicação; Ensino de TIC; Sistemas Colaborativos; Informática e Sociedade; Web Semântica;

Inclusão Digital; Cidades Digitais; Competência em Informação, Redes Sociais e Avaliação de Programas de Inclusão Digital e Inovação.

Cláudia Maria de Oliveira – Graduada em História da Arte. Membro da Academia Brasileira de Contadores de Histórias, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Griôs*. Proprietária e gestora da Creche e Centro Educacional Reino Encantado, Vila Velha, Espírito Santo (ES).

Daniela Lucas da Silva Lemos – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Ciência da Informação pela UFMG, especialista em Gestão Estratégica da Informação pela UFMG e graduada em Administração de Sistemas de Informação pela Faculdade de Sistemas de Informações Gerenciais da Una. Atualmente é professora adjunta e pesquisadora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em organização da informação, representação do conhecimento e recuperação de informação, atuando principalmente nos seguintes temas: representação do conhecimento, ontologias, web semântica, linked data e descrição multimídia. Possui experiência na área de tecnologia da informação, com ênfase em bancos de dados, engenharia de software e análise e projeto de sistemas de informação.

David Renault da Silva - Graduado em Jornalismo, mestre em Comunicação e doutor em História, todos na UnB, tem Pós doutorado pela Universidade do Minho, Portugal. Professor do Departamento de Jornalismo FAC/UnB há 25 anos, foi professor responsável pela disciplina que produz o Campus, jornal-laboratório impresso do curso de Jornalismo da UnB, Campus Online, Técnicas de Jornalismo e Campus Repórter, entre outras. Foi coordenador de Ensino e Graduação da Faculdade de Comunicação (FAC), período em que coordenou a elaboração e implantação dos novos currículos das três

habilitações do curso de Comunicação. Professor Associado II, foi Diretor da Faculdade de Comunicação. Leciona atualmente as disciplinas Campus Repórter, Introdução ao Jornalismo, História do Jornalismo e Pré-Projeto em Jornalismo. Participa do programa de Pós-graduação da FAC, na linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade e é líder do grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação.

Eduardo Valadares da Silva - Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na Escola de Ciência da Informação; Pesquisador do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da UFMG e Membro da Comissão de Bibliotecas Escolares do CRB 6ª Região. Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestrado em Educação pela UFES e Doutorado (em andamento) em Ciência da Informação pela UFMG. Tem experiência na área de Biblioteconomia, com ênfase em Biblioteconomia Escolar, atuando principalmente com os seguintes temas: biblioteca escolar, narrativas e educação.

Elane Couto Uliana – Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), professora substituta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

Elijance Marques dos Santos – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Ex-bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa “No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI”. Membro Externo do Projeto Informa-Ação e Cultura da Universidade Federal do Espírito Santo.

Elmira Luzia Melo Soares Simeão – Professora Associada e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB),

com mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atua na área de editoração, formação de acervos e competência informacional. Exerce a direção da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB, sendo membro do Conselho de Ensino e Pesquisa da UnB (CEPE), Conselho de Administração (CAD) e Conselho Superior da UnB (CONSUNI). Professora na FCI, na graduação em Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Parecerista em várias revistas da área de Ciência da Informação. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Publicações Eletrônicas e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas de pesquisa: tecnologia da informação, editoração, comunicação, ciência da informação, informação e saúde, comunicação extensiva, competência em Informação e inclusão digital. Representante da Universidade de Brasília no convênio com a Universidad Complutense de Madrid (UCM), onde mantém contato com pesquisadores nos departamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação da UCM. Líder do grupo de Pesquisa Competência Informacional certificado pelo Conselho Nacional de Pesquisa do Ministério de Ciência e Tecnologia (CNPq).

Fabiano de Oliveira Moraes – Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação. Doutor em Educação e mestre em Linguística e graduado em Letras-Português pela UFES. Como escritor, publicou livros infantis pelas editoras: Cortez, Paulinas, Universo da Literatura, Universo dos Livros, Mazza, Franco, Nova Alexandria, Imeph e Elementar, dois deles selecionados pelo MEC para o PNBE. Publicou livros técnicos pelas editoras Vozes e Cortez. Participou de mesas redondas, realizou apresentações artísticas como contador de histórias e ministrou oficinas no Brasil e no exterior. Idealizador e Coordenador do Portal Roda de Histórias pelo qual recebeu o Prêmio Culturas Populares

2007, pelo MinC. Participou da Oficina 'Brincando na Diversidade: Cultura na Infância' (MinC), contribuindo com a elaboração de diretrizes e ações do Plano Nacional de Cultura.

Fábio Vieira Pereira – Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em convênio com a Universidade de Vila Velha do Espírito Santo (PUC-SP/UVV-ES), especialista em Recursos Humanos pelo Centro Universitário FAESA (Faculdades Integradas Espírito-Santenses), Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) e Filosofia e Psicanálise pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduado em Administração pela FAESA e Ciências Sociais pela UFES. Membro da Academia Brasileira de Contadores de História, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Grios*.

Joyce Del Frari Coutinho - Gestora de Políticas Públicas e Gestão Governamental do Quadro de Carreira do Governo do Distrito Federal, concentra a sua trajetória profissional e especialização acadêmica no campo da comunicação pública e governamental. Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, possui formação pós-graduação *lato sensu*, na Universidade de Brasília (UnB), em Estratégias de Comunicação, Mobilização e Marketing Social e Estado e Sociedade Civil: Política e Gestão de Organizações Não-Governamentais. Atua na elaboração de planejamentos integrados de comunicação; articulação de estratégias e ferramentas de comunicação; redação e edição de conteúdos jornalísticos e institucionais; e gestão de projetos e equipes. Integra o projeto interdisciplinar de extensão Partilhar, da Faculdade de Comunicação da UnB, que visa desenvolver ações e criar produtos para a autonomia cidadã em rede. Trabalhou por 13 anos no Governo Federal, sendo 11 anos na Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom/PR), como Assessora Especial de

Planejamento e Articulação; um ano na Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), como Assessora de Imprensa, onde colaborou na concepção e organização do seminário *A Mulher e a Mídia*; e outro ano no Ministério da Educação (MEC), como Chefe da Assessoria de Comunicação Social. Na UnB, atuou por quatro anos, no Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE/FAC). Entre outras funções, na Secretaria de Comunicação Social do DF (Secom/DF), foi Chefe de Gabinete e Chefe de Redação da Agência Brasília.

Ingrid Simões Pereira – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Iguatemi Santos Rangel – Professor adjunto I da Universidade Federal do Espírito Santo, atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação com disciplinas de fundamentos da educação e estágio supervisionado para os cursos de licenciatura. Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestrado e doutorado em Educação pela UFES. Atuou como professor da educação básica nas redes estadual e municipal de educação nas áreas de ensino de educação física e educação infantil. Trabalhou como gerente de formação de professores da Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo (ES). Atuou como tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) de Licenciaturas. Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Currículos, Culturas e Cotidianos (Nupec). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e processos de formação continuada de professores da educação básica. Os temas de interesses e aprofundamento de estudos e pesquisas são: educação infantil, ensino de educação física escolar, formação continuada de professores e currículo.

Maira Cristina Grigoletto – Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no Departamento de Arquivologia (Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas/CCJE). Doutora e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (UNESP/Campus de Marília); Licenciada em História pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Atuou como pesquisadora junto ao Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP) e Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (CODEPAC). Foi professora de História e História da Arte na rede particular de ensino; pesquisadora e curadora na reestruturação do Museu Histórico e Pedagógico "Prudente de Moraes" (Piracicaba/SP). Possui experiência nas áreas de História, Educação, Ciência da Informação e Arquivologia, atuando principalmente na linha de produção e organização da informação.

Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim – Graduada em Biblioteconomia e Serviço Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atualmente atuando como bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

Marcelo Souza de Jesus - Possui graduação em Administração com Habilitação em Análise de Sistemas pelo Instituto Compacto de Ensino Superior e Pesquisa e Especialização em Gestão de Pessoas, Master of Business Administration - MBA e Inteligência de Futuro de Mestrado em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília. Atualmente é pesquisador bolsista da Fiocruz-Brasília e docente do curso de Administração do Centro Universitário IESB. Tem experiência na área de Administração, atuando principalmente nos seguintes temas: ciência da informação, governança, rede e informação. Projetos de pesquisa com foco na aplicação dos métodos de Análise de Redes Complexas e validação de metodologia para obtenção e tratamento

de informações estratégicas na área de Ciência, Tecnologia e Inovação. Apoiador na prospecção de futuro e planejamento institucional. Como pesquisador do Colaboratório de Ciência Tecnologia Sociedade da Fiocruz-Brasília Mapeia dados relacionados à gestão de incorporação de tecnologias em saúde, armazenados no SUS; analisa os dados do Sistema para elaboração de relatórios gerenciais; analisa dados do Sistema para definição e elaboração de indicadores e apresentação de propostas de monitoramento da Sustentabilidade do SUS. Participação no grupo de pesquisa Políticas Públicas em Saúde, do(a) Fundação Oswaldo Cruz e pesquisador no grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação, do(a) Universidade de Brasília

Márcia Helena da Silva Marques – Especialista em Direitos Humanos pelo Instituto Superior de Educação e Cultura Ulisses Boyd, graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Márcia Marques - Professora concursada do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Ciência da Informação e Mestre em Comunicação pela UnB, graduada em jornalismo pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Como integrante do GPCI, sou pesquisadora do campo de formação de competências para a informação e a comunicação em rede em ambientes digitais. No ensino, implementei disciplinas que relacionam transdisciplinarmente três campos do conhecimento: a Comunicação, a Informação e a Computação; para a gestão da memória e para o processo de aprendizado em rede. Também integro o grupo de pesquisa Gestão da Memória e Jornalismo, atualmente envolvido em duas investigações: a que orienta o desenvolvimento de tecnologias e soluções para a organização e acervamento da informação e conhecimento no CeDoc da FAC e a que faz o mapeamento dos veículos que produzem jornalismo independente, com objetivo de entender as novas conformações do processo de produção jornalística.

Maria Giovana Soares – Especialista em Gestão da Qualidade pela Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro (RJ). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Marta Leandro da Mata – Doutora em Ciência da Informação, Mestre em Ciência da Informação e Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/Campus de Marília), com período de doutorado sanduíche na Universidade Carlos III de Madrid. É professora Adjunta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Líder do grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados". Tem experiência na área de Ciência da informação e Biblioteconomia, atuando, principalmente com os seguintes temas: competência em informação, fontes de informação, formação e atuação do bibliotecário, preservação em unidades de informação.

Meri Nadia Marques Gerlin – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Educação e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Como professora adjunta do Departamento de Biblioteconomia da UFES lidera o grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados" certificado pelo CNPq, tendo coordenado o projeto de pesquisa, recentemente finalizado, "No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI". Atualmente coordena as ações dos projetos de pesquisa "Competência leitora numa sociedade conectada por redes de colaboração" e extensionista "Informa-Ação e Cultura". Trabalha com uma diversidade de atividades relacionadas com os campos do ensino, da pesquisa e da extensão universitária,

intercambiando temas no âmbito da ação cultural, competência leitora, competência em informação, competência narrativa, multiculturalismo e serviço de referência e informação.

Mônica Regina Peres - Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás, mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia e doutora na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB) onde também atuou professora substituta no curso de Biblioteconomia. Atualmente é prestador de serviço da Fundação Getúlio Vargas, professora voluntária e bibliotecária da UnB onde atuou como assessora de direção na Biblioteca Central. Tem experiência em gestão de projetos e com Educação Superior, atuando principalmente nos seguintes temas: biblioteconomia, tecnologias na educação, eventos, gestão, educação, educação inclusiva e ciência da informação

Philippe Peterle Modolo – Especialista em Psicopedagogia Institucional e Gestão Escolar pela FAVENI (Faculdade Venda Nova do Imigrante) e pesquisador independente no campo da educação e cultura.

Renato Rocha Souza – Possui graduação em Engenharia Elétrica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutorado em Tecnologias Semânticas para Recuperação de Informação - University of Glamorgan, UK, sob supervisão de Douglas Tudhope e com bolsa do CNPQ. É atualmente professor e pesquisador da Escola de Matemática Aplicada (EMAp) da Fundação Getulio Vargas e professor colaborador da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Representação do Conhecimento e Recuperação de Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: Sistemas de Recuperação

de Informações, Processamento de Linguagem Natural, Indexação Automática, Representação do Conhecimento, Ontologias, Gestão do Conhecimento. Tem também experiência em Tecnologia na Educação, Software Educativo e Ensino a Distância.

Silvana Soares Sampaio – Professora de Arte, contadora de histórias e escritora. Atua como contadora de histórias em escolas, lançamento de livros, seminários, bibliotecas, cursos de literatura infantil, Feiras Literárias com o objetivo de sensibilizar as pessoas sobre a importância do ato de ler. Foi membro do Comitê PROLER (programa de incentivo à leitura da Biblioteca Nacional) no Espírito Santo e durante este período fez vários cursos que deram maior fundamentação ao seu trabalho. Estudou na Fundação Armando Álvares Penteado–FAAP em São Paulo e possui especialização em Docência do Ensino Superior pela Universidade Candido Mendes. Publicou quatro livros de literatura infantojuvenil: Aventuras de um Vermelho Inquieto, Roda-Vida, Lendas Capixabas em Versos e Vento Sul, assim como contos, crônicas e poemas em antologias, revistas e jornais. Membro da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras-AFESL, tendo ocupado a presidência dessa instituição durante o biênio 2012-2014. É também membro do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo-IHGES.

Taiguara Villela Aldabalde – Professor e pesquisador da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) alocado no Departamento de Arquivologia. Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutor na linha de investigação "Ciências da Informação: Arquivo, Biblioteca e Documentação" na Fundação de Cultura Fernando Pessoa (Universidade Fernando Pessoa).

Tatyane Mendes Ferreira - Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília IESB e atualmente é repórter na editoria de sociedade do Portal de Notícias Metrôpoles. Tem

experiência na área de produção de textos jornalísticos para veículos impressos e digitais nas editorias de Política, Nacional, Educação, Economia e Formação Profissional e apuração de dados para pesquisas estatísticas, além de ligação com áreas de estudos sociais e literários. É integrante do projeto de pesquisa científica "Partilhar", trabalhando com a criação de um modelo pedagógico e o desenvolvimento da comunicação para facilitar a transmissão de conhecimentos entre os cidadãos e aumentando a participação cidadã deles. A pesquisa envolve as áreas de comunicação, educação, computação e tecnologias. Possui nível intermediário em espanhol e fluência em inglês.